

António Bizarro

O Invisível, a sua Sombra e o seu Reflexo

coolbooks

Índice

Nadja Vaduva.....	11
Experiência Número Um: a Culpa.....	27
McPherson, J.....	28
Giver of Death.....	36
O Intruso.....	38
Lovesong.....	65
A Colônia.....	66
Experiência Número Dois: a Consciência.....	69
Jacqueline Hyde.....	70
O Quarto Escuro.....	79
Afterglow.....	85
O Idólatra.....	87
Would You?.....	121
O Que a Água me Deu.....	123
O Sonho Siamês.....	126
Leonard Pine.....	147
Chaos Within.....	154
O Velho Bill Novak.....	155
Experiência Número Três: a Cura.....	160
O Invisível, a sua Sombra e o seu Reflexo.....	161

*“Enquanto escreveres
estarás vivo, para sempre.”*

Tony Dornbusch

*“All mine,
you have to be.”*

Elizabeth Gibbons

1

Meteu-se no carro, de madrugada, e seguiu pela marginal. A praia estava deserta quando lá chegou, mesmo como ela gostava. Ao longe, alinhados ao longo da muralha como pássaros num cabo de electricidade, alguns pescadores tentavam a sua sorte. Percorria o areal, sentindo a sua textura sob os pés descalços, aspirando o ar salgado com gosto, desejando poder capturar o som da rebentação com a sua máquina fotográfica e mostrá-lo aos outros da forma que ela o via. Por fim parou, observando as ondas. Fixou o olhar na linha do horizonte, àquela hora quase impossível de se discernir. Quão superficial o mar profundo devia parecer ao céu, como se não fosse mais do que um mero espelho. Viu o sol erguer-se e as nuvens moverem-se com extrema lentidão, como a espectadora de uma projecção de diapositivos.

Quando despertou do seu estado catatónico, estava sentada na areia, dois pescadores de idade avançada a seu lado, aparentando preocupação. Um deles estava ajoelhado junto de si e não parava de lhe perguntar se queria que telefonasse a alguém. Ao parecer-lhe mais lúcida, explicou-lhe que a tinham visto parada tanto tempo à beira da água que julgaram que se queria afogar. Nada que não tivesse acontecido antes. Nadja levantou-se, sacudiu a areia das calças e agradeceu a ambos. Ao afastar-se, parou no cimo de uma duna e voltou-se para trás. Os pescadores estavam imóveis a olhar na sua direcção, a areia, o mar e o céu a servirem de cenário. Apontou a máquina e disparou. Foi-se embora com a sensação de ter tirado uma fotografia de uma fotografia.

2

– Este é o meu noivo, Walter – disse Julia. – Esta é a minha amiga Nadja.

– É um prazer conhecer-te finalmente – disse Walter, polidamente.

O apartamento de Julia e Walter, apesar de grande e espaçoso, naquele momento dir-se-ia pequeno para albergar todos aqueles que haviam comparecido para a sua festa de noivado. Uns dias antes, Nadja recebera um inesperado telefonema de Julia a dizer-lhe que voltara a Saint Paul. Conseguira o seu contacto através de um jornal local que costumava comprar-lhe algumas fotografias e queria convidá-la para a festa. Havia sido melhores amigas durante

todo o liceu, após o que tinham seguido caminhos separados. Julia conseguira uma bolsa para estudar em Paris, enquanto Nadja cursara fotografia um pouco mais perto de casa. Agora tinha voltado para ficar. Ia ocupar o lugar de curadora do Museu da Cidade enquanto o seu futuro marido planeava abrir o seu *atelier* de arquitectura. Nadja preferia estar na varanda, longe dos convidados, a tirar fotografias da sua velha amiga, à distância. Não se lembrava de alguma vez a ter visto tão feliz como com Walter a seu lado. O retrato ideal da felicidade conjugal. Lembrou-se dos pais. Naquele caso sabia que as poses eram artificiais, apenas imagens unidimensionais, *posters* de tamanho natural colados num pedaço de cartão. A recordação fê-la voltar as costas à festa e apontar a máquina para o céu, para os prédios e para os transeuntes.

– A vida através da lente – disse Julia, apanhando-a de surpresa. – Devias apontar essa coisa para ti. Estás linda.

– Tu é que estás. Vejo luz à tua volta, como uma aura.

– A culpa é dele – disse Julia, indicando Walter com o queixo.

O arquitecto passeava pela sala de copo na mão, desempenhando na perfeição o papel de anfitrião. Nadja apontou-lhe a máquina e disparou. Achou-o naturalmente fotogénico, com o seu rosto de traços vincados e uma certa suavidade de movimentos.

– Fazíamos parte do mesmo grupo de expatriados. Estudantes, investigadores, artistas.

– Fico contente que estejas de volta – disse Nadja.

– Sentiste muito a minha falta? Como estás de saúde?

– Há dias melhores do que outros.

– Não deixa de ser curioso que te tenhas tornado fotógrafa – disse Julia.

– Está na minha fisiologia.

Walter juntou-se-lhes, soltando um longo suspiro de cansaço.

– A minha mãe ainda não parou de contar as histórias mais embaraçosas da minha infância.

– Já contou aquela de quando entalaste o prepúcio no fecho das calças?

– Não, mas já não deve demorar muito.

Julia e Walter trocaram um beijo cúmplice, prontamente capturado por Nadja. Walter fitou a câmara por momentos, arrancando de Nadja um pedido de desculpas balbuciado.

– Só estava a ver se era digital ou analógica – disse ele, sorrindo.

– Analógica – disse Nadja. – Sou *old school*.

– És como eu. Não uso *software* para fazer as minhas maquetas.

– Walter, querido, anda cá mostrar a tua cicatriz do apêndice – gritou a mãe dele de dentro de casa. – Coitadinho, tinha nove anos, passou o aniversário no hospital – acrescentou ela, dirigindo-se aos convidados.

– Vou já. Julia, querida, se ela contar a história do prepúcio e quiser que eu mostre alguma coisa, não sei o que faço.

– Vai lá, meu amor – disse ela, sorrindo – eu salvo-te se for preciso.

Por um segundo, Nadja foi assaltada por uma imagem mental dos quadris fortes de Walter investindo contra o corpo nu de Julia.

– Não vejo a hora de tudo isto passar – confessou Julia, pousando a mão no braço de Nadja. – Mudar de país, casar, começar num novo emprego. Sinto-me à beira de um esgotamento nervoso. Mas estou feliz por te ter como amiga outra vez.

– Também eu.

– Por isso quero que sejas minha madrinha de casamento.

– Não, Julia, não sei se será boa ideia.

– Por favor, Nadja, não há mais ninguém no mundo que eu queira ter. Por favor.

– Está bem – concordou Nadja, após alguma hesitação.

– Obrigada, és um amor – disse Julia, beijando-a na face.

– Agora é melhor ir lá dentro salvar o meu noivo, não quero que ele morra de vergonha.

Nadja viu Julia afastar-se em câmara lenta. Viu-a rodear a cintura do noivo com o braço direito, ao que ele correspondeu com um beijo nos lábios. Teria dado uma excelente fotografia se Nadja não se tivesse já refugiado naquele lugar dentro da sua cabeça onde o tempo se movia mais devagar.